

## O capital simbólico que Os Sertões teria legado à cultura do Jornalismo<sup>1</sup>

Sônia BERTOL<sup>2</sup>

Julia Maziero POSSA<sup>3</sup>

Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS

### RESUMO

Este trabalho dedica-se a verificar de que forma a obra *Os Sertões*, publicada em 1902 por Euclides da Cunha, acrescentou e acrescenta valor simbólico à cultura do Jornalismo. Tal estudo justifica-se em vista da contínua reverberação e impacto causados pela obra até os dias de hoje, tendo em conta o grande número de trabalhos que a examina pelo viés do gênero reportagem. De forma diferente, este estudo não desconsidera o gênero, mas detêm-se na apreensão do ofício de jornalista feito desde então. Para tanto, são manejados os conceitos de dialogismo, em Mikhail Bakhtin, além dos conceitos de poder e capital simbólico, em Pierre Bourdieu. O corpus de análise é composto pelas reportagens publicadas por Euclides da Cunha em *O Estado de São Paulo* e, posteriormente, na obra completa *Os Sertões*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Os Sertões; Jornalismo; Capital simbólico; Dialogismo;

### 1. Introdução

Apesar de ser mais amplamente conhecido como um texto literário, a obra *Os Sertões* é também considerada um dos mais importantes textos jornalísticos já produzidos no Brasil. A obra semificcional escrita pelo engenheiro, militar e jornalista, Euclides da Cunha, fez com que a Guerra de Canudos, a paisagem marginalizada do sertão brasileiro e a vida dos sertanejos entrassem para a história e para a literatura mundial. O palco central é o município de Canudos, localizado no interior Bahia, hoje com cerca de 17 mil habitantes, onde ocorre o que hoje conhecemos como a Guerra de Canudos – episódio sangrento que acabou por manifestar a revolta dos sertanejos com a República, responsável pela cobrança de altos impostos e entrega do poder totalitário aos fazendeiros das terra bahianas no início do século XX. Mais que isso, na obra

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação pela UESP/JOHNS HOPKINS, professora e pesquisadora do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo e-mail: [sobertol@upf.br](mailto:sobertol@upf.br)

<sup>3</sup> Jornalista e mestranda da linha de pesquisa Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF). Email: [juliamzps@gmail.com](mailto:juliamzps@gmail.com).

---

Cunha também revela o conflito entre uma sociedade retrógrada e uma sociedade degenerada, onde há um abismo entre as populações dos litorais e dos sertões. Aquelas acabam por se contaminar com as forças das civilizações estrangeiras; estas, por seu isolamento, acabam por ser consideradas a fonte autêntica da nacionalidade.

É a partir deste pressuposto que se cristaliza um divisor de águas na história brasileira: Euclides da Cunha acaba por desvendar o que se considera a alma de uma nação. Assim, baseado no percurso sócio histórico, e também levando em conta a relevância angariada a partir da palavra escrita e estendida ao público através da imprensa, este trabalho norteia-se por um ponto de interrogação: afinal, como a obra *Os Sertões* reforçou aquilo que se considera, em caráter universal, a essência do Jornalismo? A premissa é de que o ofício do jornalista, apesar de variar de território em território, constitui uma ordem de discurso e forma de expressão semelhantes, além do fato de, em todos os lugares, a prática da coleta de dados reivindica uma forma particular de autoridade, como o domínio de uma competência formal e o manuseio de efeitos de objetividade, de neutralidade, entre outros. Assim, o objetivo é investigar, a partir da perspectiva de Pierre Bourdieu (2002; 2004), o capital simbólico legado ao Jornalismo brasileiro nos dias de hoje.

Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa da Faculdade de Artes e Comunicação (FAC), ainda em andamento, vinculado ao curso de Jornalismo. Metodologicamente, podemos compreendê-lo como uma pesquisa de cunho qualitativa, exploratória e bibliográfica. Com tais questões em mãos, sigamos ao texto.

## **2. A obra: conhecendo Os Sertões**

Falar de *Os Sertões* é também falar da constituição do Brasil: a obra é considerada, como defendeu Hermann (1996, p. 81), um “livro definitivo no processo de formação do pensamento sociológico brasileiro”. De acordo com essa autora, o relato de Euclides da Cunha serviu de matriz referencial para a interpretação do sentido de *Canudos*, mantendo-se como “testemunho privilegiado dos questionamentos que dominaram os debates intelectuais no final do século passado”.

Ao refletir sobre uma guerra fratricida que opunha o litoral do país \_\_ considerado avançado e civilizado \_\_ ao interior de um Brasil que ainda conservava uma parte significativa de seu povo mergulhado no mais profundo atraso, Euclides da Cunha expôs de forma contundente uma fratura

---

quase irremediável para o projeto nacional pensado pelos intelectuais que aderiram e defenderam com afinco a causa republicana.

Em suma, a Guerra de Canudos foi o episódio onde se deu a degola dos conselheiristas pelos batalhões gaúchos. A causa republicana foi, em grande medida, o que causou o conflito que massacrrou pelo menos 25 mil pessoas durante os anos de 1896 e 1897. A história confunde-se com a de Antônio Conselheiro, então líder religioso e político da comunidade de Canudos – homem de fé, regia o povoado através do trabalho coletivo e da pregação e questionava os novos interesses da república, como casamento civil. Historicamente, tem-se como consenso que a reunião do grupo que viria a formar Canudos teve início em uma fazenda abandonada, em 1893, localizada às margens do rio Vaza Barris, após confronto. De acordo com Hermann (1996), o mesmo grupo só voltaria a enfrentar a polícia local em 1896, com o início da Guerra de Canudos. O volume populacional da comunidade pode ter sido um dos motivos para o massacre, como relata Hermann (1996, p. 86):

Em 1893, data do início da formação do arraial, Canudos já contava com 1.250 sertanejos, segundo dados citados em Os sertões e tidos como corretos pela maioria dos autores que tentou fazer uma estimativa do crescimento populacional de Canudos. Segundo esta mesma fonte, em 1895 a fazenda Belo Monte reuniria cerca de 5.000 habitantes e, finalmente, em 1897 congregaria os 25.000 que terminaram debelados pelo Exército.

De acordo com Hermann (1996, p. 84), foi um incidente em Juazeiro relacionado à compra de maneira para o término da cobertura de uma das inúmeras igrejas construídas por Conselheiro, em junho de 1886, que deflagrou o conflito entre conselheiristas e forças policiais. O ápice chegou com a morte do coronel Moreira César, líder da terceira expedição ao arraial e a primeira com comando federal, em março de 1897. Quando Euclides da Cunha chega ao local, em agosto do mesmo ano, enquanto correspondente do jornal O Estado de São Paulo, a destruição de Belo Monte já se tornara questão nacional. De acordo com Hermann (1996, p. 84), Cunha partiu convicto de que a disputa se tratava de uma “autêntica conspiração monárquica contra”, mas chegando ao sertão deparou-se com “uma população miserável e uma realidade completamente diferente da que conhecia no litoral ‘civilizado’”. Do impacto, o ponto de análise da situação foi transformado e, a partir daí, produziu-se um dos primeiros estudos sociológicos do Brasil, como assevera Hermann (1996, p. 83-84):

Euclides da Cunha contou a história da campanha de Canudos a partir de suas inquietações sobre a formação da nação brasileira e dos entraves que impediam a concretização dos pressupostos positivistas que aliavam ordem e progresso. Canudos era a representação do paroxismo a que o atraso poderia levar o país, caso o Brasil não assumisse o claro compromisso de se unir ao mundo civilizado.

O retorno de Cunha da cobertura de Canudos se deu em outubro de 1897 e, em janeiro de 1898, já começa a publicar seus artigos sobre os fatos no jornal O Estado de São Paulo. Em 1902, cinco anos após a tragédia de Canudos, pelo intermédio de seu amigo Garcia Redondo, consegue publicar a obra completa em formato de livro através da editora Laemmert. Como relata Abreu (1998, p. 2), a publicação foi sua consagração enquanto escritor, “sem paralelos na história da literatura brasileira”. Como já disse Zilly (1998, p. 12), foi graças à obra que “Conselheiro e seu povo tiveram, no plano simbólico, imediata ressurreição e repetidas apoteoses, confirmadas no Centenário de Canudos em 1997”.

Dividida em três grandes partes, a edição final explora A Terra, O Homem e A Luta. Em seu relato, Euclides da Cunha experimenta as “agruras da terra” e reflete sobre a sua realidade a partir da própria presença nos fatos. Há, no conjunto, a mescla de arte com ciência naquele que é considerado o maior evento jornalístico brasileiro do início do século XX. Tratando-se de gênero textual, os textos publicados por Euclides da Cunha em O Estado de São Paulo se inscrevem na tradição do Jornalismo Literário. A circunstância ímpar da guerra acentua o caráter de notícia e realidade, na mesma proporção em que permite ao escritor a liberdade de experimentar ideias por meio de palavras. A liberdade da literatura flui no imaginário. A precisão das cenas percorre as frases. O leitor está no texto. O livro está no jornal. O jornal está no livro. A seguir, ampliaremos o constructo acerca do capital simbólico assegurado pela obra, a partir da perspectiva de Bourdieu (2002).

### **3. Os Sertões e seu capital simbólico**

No início do século passado, a literatura detinha a hegemonia na vida intelectual brasileira e daí deriva o fato de que escritores eram também jornalistas e vice-versa. Tal relação é relatada por Jobim (2008, p. 53): “clareza, simplicidade e concisão no dizer, objetividade no descrever as coisas e o comportamento dos homens, serão porventura

qualidades do estilo jornalístico ou do estilo literário?”. A este escritor-jornalista (ou jornalista-escritor) está dedicada a grande reportagem, geralmente elaborada com mais vagar que a reportagem de rotina ou cobertura factual dos acontecimentos. Não falemos de Euclides da Cunha, o “repórter de Canudos”, como já o chamaram, que acabou convertendo um relato jornalístico em monumental ensaio, clássico em nossas letras (JOBIM, 2008). Para verificarmos o quão impactante foi o contato do Brasil do início do século XX com o texto de *Os sertões*, vamos discutir o que havia ali de tão afirmativo sobre a essência do Jornalismo, que talvez hoje esteja se perdendo.

Para compreendermos o capital simbólico impregnado na obra de Euclides da Cunha, é essencial recorrermos ao criador do conceito: Pierre Bourdieu. Quando se trata de poder ou capital simbólico, Bourdieu (1996) remete às relações valorizadas, à honra social e ao prestígio. Assim, a posição de determinado ator ou objeto no espaço social é ocasionada a partir da posição que este mesmo ator ocupa em diferentes campos – ou seja, na distribuição dos poderes que atuam em cada um desses campos. Para Martins (2015, p. 157), o plano simbólico é dialeticamente forjado pelos sentidos sociais, formas a significar e apreender a realidade, responsáveis por estabelecer normas sociais e, por isso, posteriormente “confrontadas e disputadas pelos atores em contextos estruturados e através das dinâmicas da história”.

A informação, como forma simbólica que articula discursivamente sentidos sociais no “mercado simbólico da comunicação”, se apresenta como um elemento importante para incidir luz sobre as expressões das ações coletivas que reivindicam a “posse do poder simbólico”, o “poder de fazer crer e fazer ver”, conforme postulado por Bourdieu (2001).

Às práticas sociais está imbuído um poder das palavras, ou “o poder delegado do porta-voz cujas palavras constituem no máximo um testemunho entre outros da garantia de delegação de que ele está investido” (BOURDIEU, 1996, p. 87). O capital simbólico, portanto, encontra-se na diferenciação reconhecida – e aceita legitimamente. Sua propriedade “existe na relação entre as propriedades distintas e distintivas como o corpo correto, língua, roupa, mobília e indivíduos ou grupos dotados de esquemas de percepção e de apreciação que os predispõem a reconhecer essas propriedades” (BOURDIEU, 2013, p. 53), tomando-os para si nas relações de força.

Tais questões estão envoltas ao capital simbólico construído por Euclides da Cunha, que passou cerca de três semanas no campo de batalha, no papel de testemunha ocular

do conflito. Na época, a crítica literária valorava, em sua maioria, critérios científicos e, nesse sentido, o texto de Cunha eleva-se pelo fato de realizar pesquisa *in loco*, o que não era habitual na ocasião. Euclides da Cunha era um pesquisador que presenciou o terror, o medo e as agruras da guerra, refletindo sobre uma realidade que observou. O fato de haver presenciado os fatos como repórter e de ter utilizado moderno instrumental científico era reiterado diversas vezes como qualidade importante. Vejamos o seguinte trecho, onde relata o seu olhar sobre o sertanejo:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. [...]. Entretanto, toda essa aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto. E a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte, e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias (CUNHA, 2017, p. 141-142).

Neste ponto, o capital simbólico é justamente o seu olhar, neste instante legitimado, sobre o sertanejo. Enviado para relatar o que ocorria no sertão baiano, Euclides da Cunha sentiu-se na obrigação de rever seus conceitos primários e avaliar a situação sob outro ponto de vista. Tendo em vista que o empreendimento Os sertões levou três anos para que Euclides da Cunha acessasse seu arquivo de sujeito-locutor ou sujeito-emissor, recorrendo ao repositório de sentidos regulado pela memória, escolhendo quais sentidos deviam ser lembrados ou esquecidos daqueles dias que passou em Canudos. Revendo os dados de seu diário de campo, Euclides da Cunha selecionava e dialogava com aquilo que comporia uma densa rede textual, fazendo falar sentidos numa linguagem que criou efeitos tão grandiosos nos sujeitos receptores como poucos textos o conseguiram até hoje. Haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento: um jogo de força que visa manter a uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização para-frásica, mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”. (Pêcheux, 1999, p. 53)

---

#### 4. À brisa de conclusão

Por ser um projeto de pesquisa vinculado à graduação do curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF), este trabalho ainda carece de conclusões. O objetivo é promover uma análise discursiva de trechos da obra e dos artigos publicados no jornal O Estado de São Paulo, a fim de verificar-se marcas de estilo, de concepção do texto jornalístico e de relevância social e cultural, a fim de, então, identificar-se o real legado deixado por Euclides da Cunha ao Jornalismo brasileiro.

Não há dúvidas de que a obra revela aspectos nunca antes imaginados sobre o país, até mesmo sob perspectiva sociológica. Ressaltamos, portanto, a importância da reflexão social e histórica nos cursos de Jornalismo do Brasil, tendo em vista a necessidade de um jornalista crítico, sensível e atento às questões do mundo. Euclides da Cunha, neste sentido, é exemplo de percepção da modificação de “pauta”, em função da grandiosidade dos acontecimentos que presenciou no sertão baiano. E este é somente o seu primeiro legado.

#### REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CUNHA, E. *Os Sertões*. Porto Alegre: L&PM, 2017.

HERMANN, J. *Canudos destruído em nome da República: uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897*. Revista Tempo. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1996. p. 81-105.

JOBIM, D. *Espírito do jornalismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

ZILLY, B. *A guerra como painel e espetáculo: a história encenada em Os sertões*. In: História, Ciências, Saúde-Manguinhos. V. 5 supl. 0. Rio de Janeiro, Jul. 1998.